



**ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL, ÁLCOOL E
OUTRAS DROGAS COM POPULAÇÕES
VULNERÁVEIS: INSERÇÃO SOCIAL, SAÚDE,
MORADIA, CULTURA**

Prof. Rogerio Goulart da Silva

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVÊNCIA.

REDUÇÃO DE DANOS

- ❖ Inserção social a problemática do estigma, do isolamento e da formação dos grupos excluídos.
- ❖ Estratégias de fortalecimento entre pares para a cidadania, mútua ajuda e protagonismo psicossocial;
- ❖ O sentido do trabalho, a qualificação e a inserção social-laboral para populações vulneráveis.
- ❖ Cidadania e seus sentidos para os usuários de drogas em situação de exclusão social.



ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ Sociedade, Coerção e Coação; imperativos da Lei.
- ❖ Ambivalência, frustração; criatividade e inovação.
- ❖ Níveis de escolha (Indivíduo, Grupo, Organizações e Instituições)
- ❖ Ações; Hábitos, Costumes, Interiorização de valores sociais).
- ❖ Decisões, ações e responsabilidade.
- ❖ Regras sociais, morais e convencionais

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ Somos autores de nossos destinos?
- ❖ Vida (dever, gratidão e recompensa) e formas de dependência.
- ❖ Fichte: “Se o mundo fosse um lugar feliz e justo, os que desfrutavam de respeito
- ❖ retribuiriam em igual medida a consideração que lhes foi concedida. Era a
- ❖ idéia de Fichte em “os fundamentos da lei nacional”; ele falou do “efeito
- ❖ recíproco” do reconhecimento. Mas a vida real não procede de maneira tão
- ❖ generosa.””
- ❖ Sobre as situações liberdade limitada e habilidades de alterar ou modificar as competências (metas ao alcance?) Como se manifestam estas questões?



ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVÊNCIA

❖ 1º LUGAR:

❖ Situações de escassez;

❖ Nossas ações são dependentes;

❖ Pessoas, grupos e convívio (regras e critérios institucionais, culturais),

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVÊNCIA

- ❖ 2º LUGAR:
- ❖ Fatores materiais
- ❖ **Liberdade** como limite à liberdade alheia;
- ❖ Livre-arbítrio
- ❖ Qualidades a serem julgadas
- ❖ Raça, etnia, sexo, idade, deficiência, dependências psíquicas e químicas.

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ Valor da **experiência**
- ❖ **Conjunturas** e Grupos informais
- ❖ **Grupos** formais e informais (expectativas, linguagem e julgamento)
- ❖ **Condutas e intenções:** A compreensão que nos permite manter determinada conduta surge como limitação acerca dos horizontes de nosso entendimento. Bourdieu refere-se à disjunção entre nossa percepção de nós mesmos e os campos de ação nos quais nos encontramos, denominando-a “efeito Dom Quixote”

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ **Grupos de pertença** (o grupo que nos define, nos ajuda a orientar nosso comportamento e se considera provedor de nossa liberdade pode não ser aqueles que optamos conscientemente. Podemos inclusive sermos convidados indesejados. Quando nele ingressamos, não praticamos um ato de liberdade, mas sim uma manifestação de dependência.
- ❖ **Orgulho de pertença**, identidade de grupo e expectativas lançadas sobre nós.
- ❖ **Autosacrifício**, determinação e persistência em lugar de conformismo a normas a valores do grupo ----



ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

❖ Neste caso, podemos estar nadando contra ou a favor da maré. Apesar de não estarmos conscientes disso, **nos tornamos dependentes dos outros** e fazemos isso **numa direção orientada** ou conformada **pelas expectativas** e ações **de quem está fora do grupo** com o qual estamos familiarizados.

❖ As **maneiras como agimos** e nos percebemos **são conformadas pelas expectativas dos grupos a quem pertencemos** e se manifesta de varios modos. A saber:



ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ Primeiro: Fins e objetivos
- ❖ Segundo: Meios, fins e expectativas
- ❖ Terceiro: Critério de relevância;

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

❖ FINS E OBJETIVOS:

❖ - Aqueles que tem **significado especial** e nos quais consideramos valer à pena investir (variam cfme a classe, raça ou gênero, p. ex: a maioria das **tarefas de cuidar de alguém** é desempenhada por mulheres... enfermagem, magistério, serviço social); São **suposições não científicas** referentes à divisão do trabalho entre homens e mulheres em termos dos tipos de características q supostamente cada um deles apresenta.

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

❖ **Meios, fins e expectativas:** a maneira como esperamos concretizar esses fins é influenciada por outra manifestação de expectativa de grupo, os *meios* aceitos para perseguir aqueles fins. Ex. **Condutas consideradas apropriadas à vida cotidiana:** a forma como nos vestimos, usamos nossos corpos (tatuagens, corte de cabelo, piercings, roupas identitárias, etc), falamos, damos ênfase, manifestamos entusiasmo e até o jeito como seguramos garfos e facas (cabe lembrar das culturas cujos membros usam dedos e palmas da mão como garfos e colheres); td são modos como os grupos conformam a conduta de seus membros para que alcancem seus objetivos. Neste caso, cabe lembrar das formas de conduta no filme “**Bicho de 7 cabeças**”, que conformam a domesticação familiar à ordem médica e norma familiar.

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ **Critério de relevância:** forma de distinguir os objetos e pessoas relevantes para os projetos de vida em que embarcamos. (Ponto fulcral **para pensar as estratégias de fortalecimento entre os pares para a cidadania.**)
- ❖ Os **grupos**, por sua vez, buscam **identificar-se** por **ações** que os distingam daqueles que estão fora de suas redes de relação formal e informal.
- ❖ Portanto, identificar aliados, inimigos, rivais, pessoas a quem dar ouvidos ou desconsiderar é parte desse processo.
- ❖ Assim devemos aos grupos a que pertencemos os bens que buscamos, **os meios empregados nessa busca** e a maneira **como distinguimos** quem pode e não pode colaborar nesse processo.

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ Na maioria dos casos, trata-se de **conhecimento tácito**, pois orienta nossa conduta sem que sejamos necessariamente capazes de expressar como e por que ele opera de determinadas maneiras. Se, por exemplo, nos perguntarem **que códigos usamos** para nos comunicar e **como deciframos os significados das ações**, podemos até não entender o sentido da pergunta. De que forma explicitamos os códigos, tais como as regras de gramática que proporcionam a comunicação, se o tomamos simplesmente como dados em nossa fluência e competência? (babélicos somos) – Recordem **os critérios com os quais avaliamos o outro**.
- ❖ Mas esse **saber** é exigido para dar forma a nossas tarefas cotidianas, e, mesmo que não possamos enunciar as regras que nos permitem agir, podemos rotineiramente demonstrar nossas **habilidades que dependem de sua existência**.

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ Os **vários** aspetos da **Inserção Social** que nos remetem às culturas e regras sociais que reforçam o estigma, o isolamento e grupos excluídos, nos remetem a pensar as trocas entre distintas formas de saberes.
- ❖ Baseando-se nestas formas, o sociólogo americano Harold Garfinkel fundou a **etnometodologia**, que estuda as minúcias das interações cotidianas consideradas *taken-for-granted*, indiscutíveis: ex. A tomada correta da vez de falar nas conversações (não é o mesmo nos debates acalorados), como iniciamos e concluimos nossas frases e **como atribuímos características a pessoas com base em seus modos de vestir e mover o corpo no dia a dia**, enfim, em seus gestos de rotina. (por ex.. como vcs se veem e se analisam)...

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

❖ Graças a esse conhecimento (que é objeto dos etnometodólogos) que nos sentimos seguros em nossas ações. Isso depende de esquecermos justamente as origens do saber que exerce esse poderoso controle sobre nós. Ele chega sob a forma de uma *atitude natural*, suspendendo o tipo de questionamento que a microssociologia converteu em objeto de pesquisa. Consultando a literatura desta área sobre saber social e vida cotidiana, abre-se uma fascinante área de interesse que nos permite compreender mais sobre nossas interações.

❖ O que parecia ser autoevidente revela-se uma **coleção de crenças variáveis** de acordo com as **características de grupo, tempo, local, espaço e poder**.

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVÊNCIA

❖ Quando, em vez de atores individuais em ações isoladas, tomamos as figurações (redes de dependência) como ponto de partida, é possível, através de uma análise compreensiva, perceber uma metáfora comum do indivíduo dotado de motivação (assim demonstra a sociologia como compreensão do mundo), incluindo o nossas ações a pensamentos, pessoais e privados. A questão é quais os sentidos das relações estabelecidas com os fatos sociais. Quando esses fatos tendem a se tornar familiares (ao ponto de serem auto-explicativos) não apresentam problemas e podem não despertar curiosidade. Mas quando saem da rotina, se as questões caem no **fatalismo**, emerge a crença de que pouco podemos fazer para mudar as condições em que agimos, repetindo o vício da inércia por impotência de ação diante daquilo que se tem como inexorável, imutável.

COLOCAR EM QUESTÃO O INQUESTIONÁVEL

- ❖ Ao colocar em julgamento as formas e padrões podemos **desfamiliarizar o familiar**; várias questões sociais emergem como formas de dar andamento a nossas vidas e organizar as relações entre nós. (rotinas, crenças e estranhamentos)
- ❖ Fábula da Centopéia de Klipping (desfamiliarização)
- ❖ Há quem se sinta humilhado ou ressentido se algo que domina e se orgulha é desvalorizado ou refutado porque foi questionado. Neste sentido, por mais ressentimento que seja gerado, a desfamiliarização pode ter benefícios evidentes. Pode abrir novas possibilidades de conviver com mais “**consciência de si**”, mais compreensão do que nos cerca em termos de um eu mais completo, de seu conhecimento social e talvez também com mais liberdade e controle. A compreensão sociológica neste aspecto é importante.

ESCOLHA, LIBERDADE E CONVIVENCIA

- ❖ Como nos tornamos nós mesmos com os outros?
- ❖ **George Herbert Mead. – quem nós somos, nosso self, não é atributo com o qual tenhamos nascido, mas um traço adquirido ao longo do tempo por meio de interações.**
- ❖ Para melhor compreensão disso, Mead dividiu nossa percepção em duas partes: o EU e o MIM. - Nossas mentes buscam uma relação de “ajustamento” com o mundo em que estamos.
- ❖ Mas tb podemos agir por impulso e idiosincrasia. Para entender esse processo, Mead disse que poderíamos conhecer nosso Self por intermédio dos outros apenas por comunicação simbólica.



GEORGE MEAD: O EU E O MIM

- ❖ O EU – pode ser pensado como **uma conversação, que tem lugar dentro de nós**, no qual a linguagem atua como meio que permite esse processo, bem como nos pensar como um “todo”.
- ❖ O MIM – refere-se ao **modo como organizamos nossas expectativas de grupo em nossas ações**. respondemos aos outros em termos de **como nos vemos**, que é constantemente **modificado de acordo com os diferentes parâmetros sociais de nossa rotina**.

O EU E O MIM

❖ Tres estagios:

❖ 1. Estágio preparatório

❖ 2. Estágio de atuação

❖ 3. Estagio do jogo (atuação segundo as regras do jogo)

ESTAGIO PREPARATÓRIO

❖ Estagio preparatório: Neste a nossa percepção do self é passiva, constituída de atitudes que outros demonstram em relação a nós. **A consciência se desenvolve rapidamente e respondemos aos outros com símbolos do grupo, que nos permitem definir nossa conduta em termos considerados apropriados para o cenário. Ou seja uma crescente consciencia de nós é derivada de respostas alheias.** Nesse estágio ainda não podemos experimentar nosso self diretamente. Mas só pelas respostas dos outros, mas permite, aos poucos, nos tornarmos capazes de julgar nossas performances nas interações com os outros. (O PROFESSOR PRECISA SABER DISSO QUANDO LIDA COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES; O EDUCADOR SOCIAL IDEM TANTO COM JOVENS COMO COM ADULTOS)

ESTAGIO DE ATUAÇÃO

❖ Atuamos como crianças e encenamos diferentes “outros”, na forma de papéis que, entretanto, não são interligados e carecem de organização social global. Aprender uma linguagem e atrelar sentimentos a determinados papéis são processos centrais nessa etapa. Nela, as respostas dos outros são novamente de grande relevância na compreensão do que é importante encenar.

ESTAGIO DO JOGO

- ❖ Atuação conforme as regras do jogo
- ❖ Papéis apreendidos por meio de sua relação com os outros. Há uma variedade de “personagens” a ser interpretada. Porém as regras do jogo se tornam mais aparentes. Nosso caráter é, assim, construído pelo tratamento de nós como objetos de nossas próprias ações, uma vez que elas são compreendidas pelas respostas dos outros à nossa performance.

SELF SEGUNDO MEAD

- ❖ A ideia de Self não é a de ser passivo. Atividade e iniciativa marcam os dois lados da interação. Afinal, uma das primeiras habilidades apreendidas pela criança é como discriminar e selecionar, traço que não pode ser adquirido sem o suporte da habilidade de resistir e suportar pressões – em outras palavras, de assumir uma posição e agir contra forças externas.
- ❖ Por conta de sinais contrários de vários outros significativos, o EU tem que ser posto de lado, distanciado, observando as pressões *internalizadas* pelo MIM.
- ❖ Quanto mais forte for o EU, mais autônomo se torna o caráter da criança. A força do EU se expressa na habilidade e na presteza da pessoa para colocar em teste as pressões internalizadas pelo MIM, verificando seus verdadeiros poderes e seus limites, dessa maneira desafiando-os e suportando as consequências.

INDIVIDUALIDADE

- ❖ Paul Ricoeur: “Quem sou eu?” – Nesta pergunta experimentamos a contradição entre liberdade e dependência.
- ❖ Conflito entre o que desejamos e aquilo que somos obrigados a fazer por conta da presença de outros significativos e suas expectativas em relação a nós. Há portanto, imagens de comportamento aceitável que são projetadas sobre nossas predisposições. Os outros conformando o self.
- ❖ Aqui enfrentam-se as interações entre o biológico e o social.



INDIVIDUALIDADE E COMPORTAMENTO SOCIAL

- ❖ Cifras altas são gastas na tentativa de determinar as bases genéticas de diferentes aspectos do comportamento humano.
- ❖ Estudiosos influenciados pela teoria da evolução de Darwin, diferem entre si na questão se somos competitivos ou cooperativos por natureza, pois sabemos que as ações e o modo como são avaliadas diferem de uma cultura para outra.

INDIVIDUALIDADE E COMPORTAMENTO SOCIAL

- ❖ Companias farmacêuticas e sua relação com a pesquisa genética;
- ❖ Estabelecimento de padrões de comportamento aceitável;
- ❖ Sociedades e grupos – formas e tempos p ctrl seus integrantes.
- ❖ Freud : os instintos jamais são domesticados, mas “reprimidos” e levados para o inconsciente.
- ❖ Mantidos no limbo pelo super ego, como conhecimento internalizado das demandas e pressões exercidas pelo grupo. O ego fica em permanente “suspensão” entre dois poderes: Os instintos (direcionados para o inconsciente mas potentes e rebeldes); e o superego, que pressiona o ego a manter as pulsões no inconsciente e prevenir sua fuga do confinamento.



MÓDULO 4 – CRR. SUJEITO, DROGA, ESTIGMA, TRABALHO, CIDADANIA

- ❖ Até aqui foram apontadas algumas bases sociológicas das interações sociais dos indivíduos e grupos, conforme Bauman (2002).
- ❖ Também usadas referências das obras de Goffmann (Estigma); Goffmann (Manicômios, prisões e conventos); Passeti (Das fumeriès ao narcotráfico), Nuria Lara (Imagens do outro); Bauman (Vidas desperdiçadas); Furlani (Mitos e tabus da sexualidade humana); Giddens (Transformações da intimidade); Freire Costa (Ordem médica e norma familiar), entre outros. Na próxima pauta trabalharemos as questões da reinserção social com base num paralelo de realidades, tendo como foco a cidadania e os sentidos do trabalho.